

É diferente, uma Economia nada tem a ver com a outra, embora a rica história econômica argentina, decolada à força da experiência, inspiração e capitais ingleses. A começar por aí. Durante a década de 1880, 40% (quarenta por cento) de todo o capital britânico investido no exterior o foi na Argentina para financiamento da rede ferroviária, acrescida como resultado de algo superior a 6.000 (seis mil) quilômetros, elevando-a para uma dimensão total próxima dos 40 000 (quarenta mil) quilômetros (Fonte: Los estancieros y el capital británico, María Sáenz Quesada, Buenos Aires, 1980, Editorial de Belgrano, 1982). Em 1880 a malha ferroviária brasileira era de 3.488 (três mil, quatrocentos e oitenta e oito) quilômetros, praticamente metade do acrescido à malha argentina apenas naquela década, o Brasil ainda Império e totalmente de inspiração portuguesa. Malha ferroviária é infraestrutura — logística. Sem tal elemento um país não cresce economicamente. Hoje o Brasil tem um déficit em sua malha ferroviária praticamente igual à malha argentina da década de 1880. É de horrorizar qualquer um. Não querem que o Brasil se desenvolva. Isso não é apenas estupidez aliada à incompetência.

A população argentina fixa-se ao redor dos 45 (quarenta e cinco) milhões, sua força de trabalho alcança 11 (onze) milhões e 700 (setecentos) mil empregada e mais de 1 (um) milhão de desempregados, totalizando perto de 12 (doze) milhões e 800 (oitocentos) mil, superior a 28% (vinte e oito por cento) de sua população total. Seu PIB em 2016 foi de, arredondados, 546 (quinhentos e quarenta e seis) bilhões de dólares americanos. A população do Brasil é de cerca de 4 (quatro) vezes e meia a população da Argentina, seus desempregados fixam-se nos 13 (treze) milhões e 300 (trezentos) mil, sem computar os subempregados, para uma força de trabalho de 104 (cento e quatro) milhões, cerca de 50% (cinquenta por cento) de sua população total, relevante registrar que a força de mão de obra no Brasil é pessimamente utilizada. O PIB brasileiro em 2016 girou em torno de 3 (três) vezes o PIB argentino, havendo alcançado na Administração anterior a marca de 4 (quatro) vezes e meia, quando figurou entre as 7 (sete) maiores Economias do Planeta. A Argentina ocupa a 22ª posição no *ranking*.

Dados a fazer da *coincidência decisória* argentina na matéria um tiro pela culatra, pesem as diferenças dos grandes números: **(1)** O Brasil já produziu 4 (quatro) vezes e meia a mais do que a Argentina, figurando entre as 7 (sete) maiores Economias do Planeta sem nenhuma reforma *esquisita*, quando a Argentina nunca ocupou na história econômica recente qualquer posição no *ranking* aquém da 20ª. **(2)** A *providencial* reforma da Previdência argentina gerará, em Reais, uma economia de 18 (dezoito) bilhões; só a caridade da Administração do Brasil com os maus pagadores do FUNRURAL (queira ver o artigo anterior) envolve 17 (dezesete) bilhões de Reais; **(3)** A força de trabalho, ou população ativa, argentina está em 12 (doze) milhões e 800 (oitocentos) mil, cerca de 28% (vinte e oito por cento) de

sua população total; a força de trabalho, ou população ativa, brasileira está em 104 (cento e quatro) milhões de trabalhadores, cerca de 50% (cinquenta por cento) da população total, seja, mais de oito vezes a força de trabalho, ou população ativa, argentina, compreendendo um universo muito maior de espoliados.

A *coincidência* pode não ser apenas coincidência, o Grande Irmão é o mesmo.

A capacidade brasileira de reinventar-se, hoje, é infinitamente superior à do passado, a uma pelas cabeças mais abertas como resultado de não se terem formado a toque de princípios rígidos e tantalizantes — não técnicos —, e a duas porque uma formidável capacidade de realização lateja nas gerações mais novas não corrompidas pelas antigas, com suas práticas e modelos anti-lei e anti-forma. Cuide-se dos jovens e seu cabedal de sonhos, aqui ponto para eles, que os ensinaram a sonhar, mas não a lutar pelos seus sonhos. Esqueça-se Miami e suas quinquilharias com que aquele ex-presidente malicioso quis fugar os brasileiros porras-loucas, começar a assenta-los em suas reservas e tomar-lhes o dinheiro na forma de impostos locais. Para o bem deles. Ao mesmo tempo subtraindo-os ao Brasil como consumidores, uma forcinha para os bagunceiros. Miami é a rota dos ineptos que nada querem construir além de sua riqueza e segurança pessoal, em solene desprezo pelo Brasil.

Os jovens realizadores e empreendedores, esse é o caminho; as velhas raposas estafaram-se em suas espertezas, mumificaram-se em seu jogo de cartas marcadas e em suas cumplicidades criminosas, enganosas, assentadas em mentiras e falsidades; suas lideranças são padrão de malícia e dissimulação, acenam com *quirelas*, mesmo assim nem sempre realizáveis, para se reservarem *la crème*. Tudo é mentira, tudo é encenação e interesse, os jovens de 18 (dezoito) a 30 (trinta) anos com a taxa de desemprego quase a dobrar neste final de ano, a quererem apenas trabalho, sendo usados como massa de manobra.

Guarde-se bem isso: A lei dos grandes números só é usada para a prestidigitação, é a apresentação da floresta quando o necessário é ver-se as árvores, o detalhe, o âmago. A verdadeira Economia não é feita de quantidades figurativas, mas dos detalhes que serpenteiam quase ocultos e constituem as bases reais de toda realização no ramo. É no âmago que vive a essência, é no íntimo que está a natureza das coisas, para o bem e para o mal. Fora deles tudo é encenação. Nada há de mais enganador do que o simples alinhar de fatos e números desconexos adrede reunidos e aleatoriamente jogados na folha de papel, na tela do computador ou da televisão para o fim de convencimento, nunca, nesta hipótese, bem intencionado.

2017 está acabando como deverá começar 2019, a farra caminha para o fim; o blog já referiu, o Judiciário é lento, mas é inexorável. Agora Curitiba e Brasília para os

prepostos, daqui a pouco mais de ano Curitiba para os articuladores e mandantes. Ave, Excelência! Enquanto isso é necessário evitar outros estragos, deter essa máquina que apenas destrói, parar com o preparo de infelicidades, insegurança e medo. Encher-se de dívidas no Natal? Cuidado! Não se deixe eletrizar pelas *pilhas*, uma crueldade praticada contra os crédulos. Rememore: Quando a Corte Excelsa colocou na última semana um ponto final no discurso do nós podemos tudo, a primeira reação foi vamos aumentar/criar impostos. Preste atenção, guarde isso com você: Quem não sabe adequar custos e equilibrar receitas e despesas não sabe administrar, é um mero, às vezes empavonado aprendiz de feiticeiro. A capacidade de pagar do povo brasileiro para nada receber em troca está batendo no limite, esgotando-se, esgotou-se, não há mais espaço para onerações. 52 (cinquenta e dois) milhões de patrícios na miséria, aqui e ali à frente aos nossos olhos, precisam comer alguma coisa ou comer decentemente, e essa gente que aí circula não deixa. A última *boa nova* é emblemática: Aquele cavalheiro, no exercício da atividade permanente de derrubar pessoas presidenciais, um hábito que não consegue superar, partiu para derrubar aquele senhor de Pernambuco, que, reagindo, definiu o primeiro cavalheiro como canalha, depois, raciocinando melhor, disse que o melhor termo para defini-lo é o de crápula. Eles se conhecem muito de perto, o segundo cavalheiro deve saber bastante bem do que está falando, é parte da máquina, afinal. Examine-se o resultado do trabalho da Polícia Federal, nome por nome, e veja-se se algum país consegue sobreviver a um grupo do naipe que aí está.

Sem badernas ou passeatas! Isso alimentará os baderneiros que atiraram o Brasil ao desgoverno, à falta de rumo, ao deserto da incompetência e de ideias. Deixem que se estiolem, que se esgotem em si mesmos. É melhor, temporariamente, “congelar-se” o país do que ajudar a cavar-lhe a sepultura; bastam-lhe os coveiros já existentes.

